
ARTIGO

*Homens que migram e mulheres que ficam:
noções de tempo e memória¹*

Marilda Aparecida de Menezes
Profa. Sociologia – UFPB

Este artigo tem como objetivo analisar memórias de mulheres que são esposas de camponeses- trabalhadores migrantes. Tomamos como estudo de caso, famílias camponesas do município de Fagundes, Estado da Paraíba.² Os conteúdos temáticos relatados pelas mulheres se situam na intersecção entre memória individual/familiar e coletiva. Vários autores que trabalham com memória e história oral retomam a concepção de Halbwachs que defende o caráter social da memória (Bosi, 1987:17). Partindo da contribuição de Halbwachs, os autores tem proposto diferentes maneiras de se pensar a relação entre memória individual e coletiva.

Entendemos que a memória individual e coletiva são indissociáveis, há temas que são comuns a outros membros do grupo e outros que são mais da experiência individual ou familiar. Dentre as várias perspectivas da relação entre memória coletiva e individual, destacamos a que trabalha esta relação através das práticas e sistemas de representação da sociedade. Fernandes (1995: 150) cita Bertaux para elucidar este ponto:

É sabido que a experiência de uma situação vivida por diferentes pessoas produz versões diferentes no momento de cada um se lembrar. Esta versão resulta de um duplo trabalho interpretativo: do momento onde se vive o acontecimento e do momento em que ele é lembrado. Da mesma forma que o ângulo (ponto de vista) confere sentido à fotografia, é a situação presente que

¹ Agradecemos a revisão e comentários da Profa. Lucia Helena C. Oliveira, UFPB

² Este artigo se insere dentro de uma pesquisa mais ampla sobre migrações, mobilidade do trabalho, redes sociais e práticas de resistência. Realizamos o estudo da conexão entre áreas de origem e destino de fluxos migratórios, através do estudo de caso do município de Fagundes, na Região Agreste da Borborema, Estado da Paraíba e da Usina São José, no município de Igarassu, Pernambuco, que foi a principal usina contratante de trabalhadores safristas oriundos de Fagundes. Além disto fizemos um estudo de trajetórias migratórias e entrevistas semi-estruturadas e histórias de 20 homens- migrantes e 5 mulheres, cuja experiência de vida é marcada pela ausência dos maridos e que já se tornam conhecidas como "viúvas de maridos vivos".

influência a maneira através do qual o passado é percebido. Da mesma forma que o ponto de vista, o prisma, cria o objeto na pesquisa, o presente cria o passado através da mediação da memória. (Bertaux, 1985)³

A citação de Bertaux destaca dois aspectos. Primeiro, o trabalho da memória como reconstrução do passado a partir de diferentes interpretações. Como se dá esta reconstrução? Como vários autores tem enfatizado a rememoração não obedece ao tempo linear, cronológico, mas outros marcos temporais onde a significação da vida se concentra, como por exemplo o tempo do ciclo da vida: nascimento, vida e morte; tempo cíclico, das estações climáticas ou do ciclo agrícola, ou o tempo repetitivo que caracteriza o cotidiano. Ao mesmo tempo, o espaço também é um demarcador no processo de reconstruir o passado, assim se constróem imagens e fatos nos espaços da casa, do roçado, do bairro, da vila rural, da escola e outros que exploraremos na análise da história de vida.

Segundo, Bertaux também ressalta a importância do processo de produção do depoimento oral, o que envolve a relação entrevistador - entrevistado, local da entrevista, e as emoções no momento da entrevista. Consideraremos também este aspecto como constituintes do processo de rememoração e produção do texto.

Dentre as mulheres entrevistadas, selecionamos a história de vida de Elsa para ser analisada neste artigo.

HISTÓRIA DE VIDA DE ELSA

Elsa tem 43 anos, é casada com Fernando e tem doze crianças (veja foto 1). A mais velha tem 27 anos e o mais novo tem 10 anos. Ela nasceu, cresceu e se casou no Estado de Pernambuco, seu pai era morador de engenho em terras de usina de cana-de-açúcar. A entrevista com Elsa iniciou-se quando da entrevista inicial com seu marido. Ela permaneceu na sala de visitas e começou a participar quando realizávamos conjuntamente o trabalho de rememoração de datas e etapas da trajetória migratória de Fernando. A entrevista que era originalmente com o homem se tornou num primeiro momento uma entrevista conjunta de homem-mulher, marido e esposa. Os temas narrados pelos dois expressam suas

³ Bertaux, Wiame. "Mémoire et récits de vie". In: PENELOPE (pour l'histoire des femmes), no.12, 1985, p.51

experiências de gênero. Fernando contou sobre o trabalho e vida nos alojamentos em usinas bem como de seu trabalho no Rio de Janeiro e Elsa sobre a sua experiência enquanto mãe camponesa

com muitos filhos pequenos e com o marido auste na maior parte de

diferentes atitudes, comportamentos, eventos na relação homem e mulher que ocorreram no momento de nossa presença na casa foram entendidas como parte integrante do processo de construção do depoimento oral, que envolve um diálogo entre entrevistado, entrevistador e a audiência, bem como expressões da relação de gênero na família. De modo geral, encontramos três atitudes entre as mulheres, primeiro, aquelas que se ausentaram da sala de visitas e participaram no seu papel de trabalhadoras domésticas, servindo o café, água, suco e foram silenciosas quanto a produção do depoimento oral. Segundo, algumas mulheres se mantiveram em torno do espaço do entrevistador-entrevistado, sinalizando vigilância e presença, combinando silêncio com intervenções, que ora reforçavam, ora inibiam, ora censuravam a fala do marido.

Terceiro, algumas mulheres participam conjuntamente da entrevista com o marido, este é o caso de Elsa. Durante o início da entrevista de Fernando, este abriu a palavra para a esposa, deixando-a contar livremente sobre os fatos e ela foi assumindo a condução da entrevista. Para a retomada da palavra de Fernando, foi necessário que a entrevistadora interferisse, perguntando aspectos mais relacionados à sua condição de gênero. Dois aspectos podem explicar esta forma de participação ocorrida no caso de Fernando e Elsa no processo de construção do depoimento oral. Primeiro, em estilo narrativo Elsa contou sua história de vida desde a infância até a recente doença renal, com precisão e variedade de detalhes, onde as emoções, sentimentos, valores aparecem mesclados na sua interpretação dos fatos, situações, eventos. Segundo, a forma de participação de Elsa também pode expressar a sua liderança na orientação do grupo familiar. A migração de três filhas inicialmente para o Rio de Janeiro e depois para Campina Grande, Estado da Paraíba, para trabalhar como empregadas domésticas se realizou através de uma negociação entre a aprovação da mãe e a resistência do pai. A dependência dos salários das filhas é assumido pelo pai como sua fraqueza em não cumprir o seu papel de "pai de família". A mãe, Elsa, diferentemente, entende que o salário das filhas é prioritário para o consumo individual delas e a manutenção básica da família é essencialmente garantida pelo marido e com ajuda das

filhas. Esta diferenciação de compreensão sobre o salário das filhas mostra como os significados são constituintes das relações de gênero na família. Embora o salário das filhas possa ser quantitativamente expressivo em relação ao do pai, o significado atribuído pela mãe à distribuição dos salários remete a reafirmar o lugar do marido e pai como provedor e enquanto tal também o líder moral na família.

Passeremos agora a transcrever pedaços da narrativa de Elsa, a qual é marcada por diferentes noções de tempo, cada fase no ciclo agrícola é combinada com a vinda ou ida do marido e eventos de nascimento, desenvolvimento e morte. A narrativa é também marcada pelo tempo repetitivo das atividades cotidianas como o trabalho na terra, trabalho doméstico, cuidado das crianças.

Ele (o marido) foi para o Rio, em 75 porque não tinha nada, ele, era fraco, só tinha filho. Aí, ele não levava a conta da vida, aí era isso. Os meninos eram muito prá criá e não dava prá criá...ou saía, ou ficar aqui ganhando micharia. Como ia levar a conta da vida com a responsabilidade de uma casa? Não podia, tinha que sai e deixar o amor da mulher e dos filhos. Aí ele saiu e eu fiquei tomando conta da vida, tomando conta dos filhos. Eu já era mãe de seis filhos. Na saída dele, o menino mais novo morreu, fiquei com cinco, sem nada na vida, trabalhando e repartindo o pouco que ele mandava. Aí voltei a trabalhar, saía prá trabalhar, deixava a menina mais velha em casa, pequenininha, com idade de 4 ano, que era todo ano um filho. E saía trabalhar na roça, pegava a enxadinha, e levava o mais pequeno comigo, ia sentar lá debaixo de um pezinho de pau que tinha lá. Trabalhava, aí quando mais tarde, na hora do almoço, uma hora da tarde, tomava um cafezinho de manhã, chegava uma hora da tarde, e agora eu vou prá casa, aí quando chegava em casa tava a fila de menino, a menina mais velha cuidando daquela comida de todo jeito. Aí eu era obrigada a cuidar, aí quando chegava, vamo dar um banho, vamo dá o trato a um, dá o trato a outro, cuidar numa janta melhor e toda vida eu gostei de criar um bichinho, ajeitar uma galinha, um cabrito prá ver o que construir na vida. E ele lá no Rio de Janeiro, e eu aqui, aí ele, o que ele mandava era aquele dinheirinho bem pouquinho. Ai meu Deus, o que é que eu faço? Prá pagar leite, prá fazer feira, aí ali mermo eu ia e tirava aquele pouquinho e pagava o leite, fazia aquelas comprinha pouquinho. Foi adepois que meu menino mais novo morreu eu fiquei com os outros 5. Aí fiquei com que ele mandava. Mandou 50 mil réis nesse tempo. Aí mandei falar:

- Manoel, você num fala em roçado. Trabalhar nada, né?

Aí ele disse:

- Deixa roçado de lado.

Eu disse:

- Não, eu tenho que botar um roçadinho que eu num vou ver os ôtro cumê milho verde, um feijão verde e eu tá pedindo aos ôtro, eu tenho que trabalhar. Ele mandou 100 mil réis, eu paguei 30 na bodega e 20 eu paguei de leite que era prá ficar todo dia apanhando leite dos menino. Aí botei um roçado, aí nesse tempo botei muito feijão. Aí paguei um trabalhador, botou umas 20 kg de roçado e eu tratei do roçado. Cuidei muito do roçado, e aí lucrei muito neste ano.

Aí quando foi depois eu não tava mais nem esperando que já fazia 1 ano e 6 meses e o povo dizia que ele num voltava nunca mais, aí eu, eu dizia:

Vai vim mermo, não, tá lá, ficou prá lá mermo. E eu cá, batalhando prá vida, né. Quando fez um ano e seis meses, ele chegou, aí nos morava no lugar, num lugar difícil e aí ele disse: Vamos alugar uma casa. Eu disse:

Não, vamos comprar um chão de casa. Comprou um 1/4 de hectare de terra. Aí disse:

-Mas a gente num tem condição agora de construir essa casa, ele falou pra mim.

E digo: nós botava uns pauzinho assim colocava, amarrava com cipozinho botava o barro e acabar fez a casinha pequenininha, cobrimo de teia e então saimo da terra do home e fumo prá dentro da casa da gente, nós fiquemo no lugarzinho da gente assossegado.

ra pequenininha? Foi no dito ano que a gente ajeitou isso tudo aqui, no final do ano eu ganhei Margareth. ela, né. E foi no mesmo ano. Aí ele foi, ele ajeitou a casa e nós ficou. Aí disse: mulé eu botar um roçado e vou voltar prá o Rio de novo..

Aí ele disse: eu vou me embora para o Rio de novo. Você vai embora, disse, eu tava com negócio de...uns dois meses de idade já de Margarete no mesmo ano, é porque já chegou no final de ano. Aí disse:

- vou botar um roçado, aqui ao redor da casa mermo, brocou um mato e vou me embora para o Rio. Eu disse:

- você vai para o Rio?

- Vou.

Eu digo:

- então tá certo.

O ciclo agrícola, com a chegada do tempo de plantar roçado e da colheita, o tempo da migração do marido e nascimento e morte dos filhos expressam conjuntamente os demarcadores temporais da memória. Fernando foi pela primeira vez ao Rio em 1975, chegamos a esta data através do trabalho conjunto de rememoração das datas de casamento e nascimento e idade dos filhos, porém as datas cronológicas, como já salientaram outros autores (Bosi, 1987: 336-334) não são referência para a memória, o tempo linear, serial é estático e exterior à experiência individual, familiar ou grupal.

Woortman diz:

Se o tempo e o espaço são categorias universais do pensamento, são também categorias pensadas culturalmente; cada sociedade os pensa à sua maneira, segundo sua cultura e sua história particulares. (Woortmann, 1992: 53).

As noções de tempo utilizadas por Elsa organizam o falar e pensar sobre a sua vida e de seu grupo familiar. Como diz Woortmann que estudou as noções de tempo e espaço entre pescadores e agricultores que se media pelas relações entre homem e mulher numa comunidade pesqueira de Sergipe diz

O tempo, por outro lado, não foi falado pelas mulheres como algo em si, mas para falarem/pensarem sobre elas mesmas. Mais corretamente, não só para

pensarem a si mesmas, mas para pensarem o seu mundo integrado pelas relações mulheres/homens. Isto é, para pensarem, à sua maneira, o que chamamos relações de gênero. (Woortmann, 1992: 55)

A memória de Elsa se demarca pelas relações sociais do camponês-migrante que combina trabalho no roçado com assalariamento mediadas por diversos processos de migração dentro da família, relações entre espaço da casa, do roçado, da comunidade, da escola. A narrativa de Elsa vai do trabalho no roçado à migração do marido sem estabelecer necessariamente mediações. Neste aspecto, a memória individual e familiar expressa traços comuns da memória coletiva do grupo. Migração em suas diferentes formas não se expressa como um fenômeno de ruptura resultante de processos de transformações sócio-econômicas, de crises climáticas, de transição do rural e do urbano, mas antes tem sido parte integrante da cultura local desde finais do século XIX⁴. No início da citação, Elsa narra a necessidade e 'naturalização' da migração como alternativa frente à 'fraqueza' da família que tem que manter muitos filhos com poucos recursos. Após Elsa ter aceito com resignação⁵ a ida de Fernando pela segunda vez ao Rio de Janeiro diz:

*Aí ele já tinha feito a casa, então tinha milho, feijão. Aí deixou eu e eu fiquei. Aí botou um roçado e deixou lá. Aí eu já grávida, aí batia a enxada a trabalhar. Choveu, botei a enxada, cavei quase 25 de terra e cavei dentro de 6 dias. Deixava os menino tudo trancadinho dentro de casa e ia me embora nesse roçado. Às vezes dava aquela agonia, ficava sentadinha, pegava na enxada cansada. Aquilo que quando passava aquelas agonia eu vinha em casa, tomava uma água, fazia um lanchinho com qualquer coisa e voltava de novo. Foi com 9 meses, quando eu dei fé, ele chegou. Aí chegou, tinha muita lavoura, muito lucro dentro de casa e eu criava, eu gostava de criar umas criação, um porco. Eu saía prá plantar mais Maria (filha mais velha, de 27 anos) ela tinha na base de uns seis anos. Aí ela ia prá escola, eu trabalhava assim de manhã, quando era parte da tarde, eu vinha prá casa e botava elas prá estudar um pouquinho. Tinha dia que eu me via tão agoniada que eu num deixava elas ir prá escola. Eu dizia:
- minha fia não dá prá você ir prá escola.*

Aí ela ficava, às vezes chorava, ela chorava porque não podia ir prá escola, digo, minha filha mas não dá, sua mãe tem muita coisa prá fazê. Aí no outro dia eu me

⁴ Harries que estudou os migrantes em Mozambique e África do Sul entende que a migração tem se revelado como uma tradição entre povos tribais e camponeses na sociedade capitalista, se constituindo como uma estratégia socialmente construída e enraizada na experiência vivida. Por isto, a decisão de migrar não requer maiores adaptações sociais (Harries, 1994: 38/9).

⁵ Resignação aqui é entendida como a compreensão da ordem social como natural e inevitável, no entanto isto não significa que indivíduos e grupos sociais não desenvolvam formas cotidianas de resistência (Scott, 1991: 72-78)

acordava de manhãzinha cuidava daquelas coisas logo que era prá dar tempo deu trabalhar e botar ela prá estudar um pouquinho. Assim mesmo ela sabe fazer uma carta, lê outra, assim mermo com todo sacrifício de vida, né? Embora que eu, eu, que eu não sei ler. Eu sou uma pessoa, eu sou uma pessoa analfabeta, eu não sei ler, por causa que eu fui criada com muito irmão pequeno, meu pai não tinha condição de vida, trabalhava também nos engenho, minha mãe também só, agarrada com muita família, então a filha mais velha era eu, então que eu era a mais velha, prá ajudar eles. Aí eu fui prá ir pro roçado, então minha mãe ia pro roçado, eu ficava em casa, tomano conta da casa. Quando minha mãe não podia ir, eu quem ia pro roçado, então fazia as vez do meu pai, que ele trabalhava de caldeireiro, aí eu ficava mais minha mãe, eu queria ajudar ela, aí ela queria botar eu prá estudar à noite, mas era eu só, os outros tudo pequenininho. Aí, aí ela disse:

- Não vou botar Terezinha prá estudar à noite, porque Terezinha vai namorar prá casar logo. Aí nisso, levei esse tempo todinho, aprendi 3 folhas do A, B, C, esse A, B, foi o que eu aprendi, então foi 6 noite que eu fui. Então de lá prá cá não deu mais estudo, aí eu. Estudo meu era trabalhar, trabalhava em farinha, de enxada, eu cavava roça, era muito puxado, cavava roça e trabalhava de enxada e lavava uma roupa, então eu era a mais velha, eu era prá tudo dentro da casa, então criei uma pessoa analfabeta depois uns dezessete ano dentro dos dezoito, inventei de me casar.

No trecho acima se reafirma a conexão entre o tempo do ciclo agrícola e a saída e chegada do marido. Na segunda migração para o Rio de Janeiro em 1977, Fernando deixou a casa pronta e abastecida com os produtos do roçado e quando retorna é tempo de colheita, de muito 'lucro'.

A 'aceitação' da migração do marido pode significar a passividade/submissão frente à imposição das condições sociais ou da posição da mulher em relação ao homem. Porém o consentimento da mulher também pode significar o suporte afetivo-emocional numa decisão que, embora seja tradicionalmente enraizada nas práticas familiares e da comunidade, envolve medos, expectativas, incertezas. Para o homem, a partida, especialmente a de longa duração e distante do local de origem, representa um desafio, onde há possibilidades de sucesso quanto há o risco de derrota; para a mulher a partida do homem pode representar a possibilidade de garantir o sustento da família, mas há também o risco de que ele abandone a família, que não alcance o seu objetivo e possa se enfraquecer pessoalmente e cair em situações de degradação pessoal como é o caso do alcoolismo ou até doenças mentais. Embora a partida bem como a separação do marido, do (a) filho (a) são experiências de dor, saudade, sofrimento, é também a tradição da migração que engendra formas diversas de solidariedade e

reciprocidade familiar e de convívio individual, familiar e social com a separação entre membros da família. A separação pela migração também abre outras possibilidades de expressão dos sentimentos como bem demonstram as cartas de migrantes⁶.

A atitude de resignação de Elsa diante da migração do marido se diferencia de sua determinação pessoal em manter a dignidade da família, através do trabalho no roçado, da socialização das crianças e de preservação da unidade familiar. Frente à 'inevitabilidade' da migração, a mulher não apenas assume a carga de trabalho do marido, mas o papel central na gestão da economia familiar, garantia dos valores, regras de conduta da família bem como da esfera afetiva. A mulher também cuidará de preservar a posição e imagem do pai ausente perante os filhos. Elsa se engaja numa luta simbólica para preservar a posição de seu marido como provedor e chefe da família, embora ele mesmo se sente fracassado, dada a dependência do salário das filhas. Como tradição, a migração junto ao tempo cíclico da agricultura, do ciclo da vida e tempo repetitivo do cotidiano se constituem nas noções de tempo centrais através das quais a memória de Elsa reconstrói o passado a partir do presente.

Com a ausência do marido, o tempo das atividades cotidianas tem que ser intensificado com a mulher desempenhando as tarefas do homem e da mulher no roçado. Elsa trava uma luta diária entre o limite da vitalidade do seu corpo e o cumprimento de atividades necessárias e significativas para ela e a família, esta luta também se expressa pelas delimitações entre tempo diurno e noturno. Ao tempo diurno da mãe se soma o tempo das crianças no trabalho agrícola e doméstico. O filho de Elsa de 24 anos começou com 7 anos a realizar todas as tarefas do plantio e colheita e as filhas começaram a cozinhar com 6 anos. O tempo de trabalho e escola aparecem em conflito no cotidiano das crianças e pais. Elsa, no trecho acima, conta do desejo da filha de ir à escola e a reação através do choro quando da necessidade de se ausentar devido à ajuda necessária à mãe. Às dificuldades familiares, se acrescentam dificuldades de

⁶ Para uma análise mais detalhada do significado das cartas nas redes familiares veja Menezes (1997, Capítulo 5 : Mulheres em casa, casamento e redes familiares).

acesso à escola. Elsa conta em detalhes o trajeto da casa à escola, onde havia um rio que durante as cheias isolava os dois lados da vila rural:

Um rio temeroso prá passar esse filho ficava chorando do lado de lá e eu do lado de cá, sem poder passar ele, a maior cheia do rio. Eu ficava no outro lado sem, sem poder dá jeito aquilo. Aí eu mandava o menino da professora vinha com elas intê na beira do rio amuntado num animal, num burro, aí a professora dizia:

-Óia, que esse burro é acostumado a passar em rio cheio.

Dizia:

- Óia, se você botar o burro na água e a água...e o burro aceitar passar na água, vigie e agradesse a menina e se o burro não passar não invente de passar porque o rio tá com muita força, num dá prá elas passar. Elas ficava chorando do lado de lá e eu do lado de cá

A estória em torno do rio e a dificuldade de acesso à escola ocupou um lugar e tempo significativo na narrativa de Elsa, ela contou este fato com uma variedade de detalhes e sentimentos. Medo e coragem, previsibilidade e imprevisibilidade não se expressam enquanto entidades opostas, mas coexistentes no enfrentamento de situações desafiadoras aos sonhos e cotidiano de indivíduos e famílias. O desejo da filha de frequentar a escola faz emergir o próprio desejo de Elsa que foi castrado na infância e posteriormente com o casamento. Elsa ao contar da dificuldade de manter as crianças na escola relembra a sua própria infância e diz : *'mesmo com todo sacrifício de vida, ela (se referindo a velha mais velha) sabe fazer uma carta. Embora que eu, eu, que eu não sei ler'*. Elsa demarca a continuidade entre a socialização de seus/suas filhas(os) em relação à sua infância, mas também a ruptura quando ela foi capaz de propiciar ao menos a alfabetização básica para as (os) filhas (as). O desejo de escolarização foi reprimido na infância por ser a filha mais velha e ter que ajudar a mãe enquanto o pai estava no trabalho diuturno da moagem de cana-de-açúcar, porém Elsa persegue com determinação a realização deste desejo para suas filhas (os) e assim lutou contra o cansaço do seu corpo, contra as condições adversas de acesso à escola e conseguiu escolarizar as (os) filhas (os) ao menos no nível das condições sociais dadas, eles (as) sabem ler e escrever e são capazes de transformar a saudade, o sofrimento da separação, o amor e carinho pela mãe e demais parentes através das cartas.

Elsa que se frustrou por não conseguir se alfabetizar enquanto criança, expressa a sua satisfação pessoal por ter realizado o seu desejo na alfabetização das filhas. Aqui o trabalho da memória liga fios de significação entre o ser mãe e o ser criança e faz emergir as conexões entre presente e passado, entre momentos do ciclo de vida de Elsa, sua infância e sua maturidade, ser filha e mãe e também revelou a indissociabilidade das condições sociais, a família, desejos e frustrações, valores, afetividade e sentimentos.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, E. *Lembranças de velhos*. SP: T. A. Queiróz, 1987
- FERNANDES, M.E. A "história de vida" como instrumento de captação da realidade social. In: *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU)*. No. 6, série 2, 1995
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. SP: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990
- HARRIES, P. *Work, culture and identity: migrant laborers in Mozambique and South Africa, c.1860-1910*. Portsmouth: Heinemann, Johannesburg: Witwatersrand, London: James Currey, 1994
- MENEZES, M. A. *Peasant-Migrant workes: social networks and practices of resistance*. Ph.D Thesis. Manchester, Universidade de Manchester, 1997
- SCOTT, J.C. *Domination and the Arts of resistance*. New Haven and London: Yale University Press, 1990
- WOORTMANN, E.F. Da complementaridade à dependência: espaço. Tempo e gênero em comunidades "pesqueiras" do nordeste. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, no. 18, no. 7, fevereiro de 1992, pp.41-60